

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

RESENHA

MARTON, SCARLETT. NIETZSCHE E AS MULHERES: FIGURAS, IMAGENS E TIPOS FEMININOS. BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA, 2022.

Cristina de Oliveira Figueiredo¹

<https://orcid.org/0000-0002-7435-3701>

É possível constatar uma grande lacuna nos estudos sobre a filosofia de Nietzsche em relação às mulheres e à sexualidade feminina. Além disso, parece que já está consolidado no senso comum a ideia de que todas as linhas sobre essas temáticas carregam um lastro de misoginia em sua filosofia. Superficialmente, não é difícil verificar essa ideia, sobretudo quando se lê afirmações do seguinte tipo: “a primeira e última ocupação” da mulher “é gerar filhos robustos” (NIETZSCHE, 1992, §239, p. 145). Como se isso não fosse suficientemente inquietante, há também escritos que examinam as experiências pessoais do filósofo com as mulheres de sua vida, no lugar de considerar as ideias dele sobre as mulheres à luz do seu próprio projeto filosófico.

Nesse sentido, é notável um estudo que se lance a compreender o problema do feminino a partir do próprio projeto filosófico de Nietzsche. O livro **Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos**, da intérprete Scarlett Marton, que chegou há pouco no Brasil pela editora Autêntica, não se enquadra na categoria de uma pesquisa que teve como objetivo atacar Nietzsche por sua misoginia ou narrar as suas experiências com as mulheres de sua época, e a partir daí, traçar um perfil psicológico do filósofo. Antes, trata-se de verificar quais foram as contribuições do pensamento nietzschiano para a teoria do feminino e de discutir

¹ Doutoranda em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto. Endereço de e-mail: cristinadeoliveira00@hotmail.com.

como interpretar as observações de Nietzsche sobre o feminino. Não é uma investigação de pouca envergadura, pois Marton mostra que certos aforismos de Nietzsche sobre as mulheres não parecem compatíveis com seu quadro teórico geral e, por outro lado, que há nesses escritos sementes para certos *insights* da teoria feminina que não foram notados por feministas anteriores.

Os dois primeiros capítulos têm um caráter propedêutico: tratam-se de informar o leitor sobre os principais conceitos da filosofia nietzschiana que reverberarão por toda obra e indicar o modo como eles se relacionarão com a tópica da teoria feminina. No primeiro capítulo, “Algumas mulheres: emancipadas, mães, solteironas”, Marton adverte que não é de grande valia submeter à discussão as exigências de qualquer pensamento substancialista, mas sim que é preciso entender a diferença sexual em um quadro histórico. Ora, a essencialização de um conceito prevê um comprometimento com o pensar metafísico, justamente o que Nietzsche repudia veementemente em suas obras. Ao recusar o pensar metafísico, o filósofo sustenta que precisamos superar a dicotomia corpo e alma, de modo a pensar o corpo não como algo oposto à alma, mas a alma como parte do corpo - a “alma é apenas uma palavra para algo no corpo” (NIETZSCHE, 2018, p. 32). A partir disso, as análises dos fenômenos morais em cujo âmbito inscreve-se a questão da mulher, não serão mais inferidas da metafísica, mas sim do esforço nietzschiano de retomar a questão em termos fisiopsicológicos. Isto é, toda a existência é valorizada a partir do próprio corpo que existe em ato, um corpo constituído por impulsos, por afetos e por pulsões. A fisiopsicologia faz perguntas do tipo: como surgiram esses valores? Como se constituiu esse modo de vida? Ao questionar o essencialismo, Nietzsche indica que a reflexão até então feita menosprezava “uma configuração pulsional que se apresenta sob diversas formas” (MARTON, 2019, p. 25). Restituído nesses termos, a discussão nietzschiana parte das variadas configurações do feminino presentes na obra.

O segundo capítulo, “Certas mulheres: esposas e concubinas”, está centrado na discussão da análise nietzschiana do ser humano, não segundo princípios transcendentais, mas considerando os corpos vivos situados em uma historicidade. Assim, a análise da figura da esposa leva em conta duas outras formulações: o “espírito livre”, isto é, o indivíduo que se liberta das crenças e da tradição de pensar e agir habituais; e o “espírito submisso”, ou seja, o indivíduo que demonstra uma

obediência incondicional a tudo o que lhe é imposto. Tal discussão indica que a mulher está em consonância com o espírito submisso, na direção que se lê em **Humano, Demasiado Humano**: “As mulheres querem servir, e nisso está a sua felicidade” (NIETZSCHE, 2005, §432, p. 140). Segundo Marton, quando Nietzsche examina essas atitudes femininas, ele o faz sempre como psicólogo, o que está, em certa medida, em conformidade com o seu quadro teórico, que não pretende definir a natureza feminina, mas sim, propor uma investigação dos processos constitutivos de valores e ideias.

No capítulo seguinte, “Diversas mulheres: artistas e atrizes”, Marton nos oferece vários *insights* sobre a teoria feminina pensadas à luz da filosofia de Nietzsche. Numa passagem de **A Gaia Ciência**, Nietzsche reconhece que os papéis sexuais estão distribuídos para serem vantajosos aos homens e, por sua vez, desvantajosos para as mulheres.

Levaram um jovem a um homem sábio e disseram-lhe: “Veja, este é estragado pelas mulheres!”. O homem sábio agitou a cabeça e sorriu. “São os homens que estragam as mulheres”, disse ele, “e todas as falhas das mulheres devem ser expiadas e emendadas pelos homens – pois o homem cria para si a imagem da mulher, e a mulher se cria conforme essa imagem”. (...) nenhum ser humano é culpado de sua existência, mas as mulheres são duplamente inocentes: quem poderia ter suficiente brandura e unção para com elas?” (...) “É preciso educar melhor os homens”, disse o homem sábio (NIETZSCHE, 2001, §68, p. 100-101).

Pode-se ler uma antecipação das teóricas feministas contemporâneas nesta passagem, “o homem cria para si a imagem da mulher, e a mulher se cria conforme a essa imagem”. Por exemplo, lê-se em **O Segundo Sexo** de Simone de Beauvoir, (i) “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (BEAVOIR, 2019, p. 12); (ii) “O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem. Ela não é senão o que o homem decide que seja” (BEAVOIR, 2019, p. 12); e (iii) “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro”. (BEAVOIR, 2019, p. 12-13). Ambos os filósofos perceberam que a dualidade homem/mulher é assimétrica; o homem é o essencial e a mulher o inessencial; a segunda sempre em conformidade à primazia do primeiro. A mulher

sendo o Outro, o secundário, implica que ela tenha que desempenhar um papel de atriz a fim de sobreviver. Daí decorre que (i) a mulher não consegue ver a si mesma, mas somente pelos olhos dos outros, isto é, pelos olhos dos homens, do Absoluto; (ii) a mulher atriz atua com base em um roteiro que foi escrito por homens, a sua realidade é conduzida pela primazia do masculino e não pela sua própria perspectiva.

No quarto capítulo, “Outras mulheres: a sabedoria, a vida e a eternidade”, Marton se dedica a mostrar o descompasso que há entre as figuras femininas na obra Assim falou Zaratustra, e as mulheres de “carne e osso”, isto é, a diferença “entre as personificações femininas de entidades abstratas e as mulheres humanas, demasiado humanas” (MARTON, 2022, p. 103). Há dois tipos femininos que desempenham papel central na obra, a vida e a sabedoria. A mulher como vida é “inconstante e selvagem, e em tudo uma mulher” e não é virtuosa (NIETZSCHE, 2018, p. 95). É justamente por ela ser inconstante que Zaratustra deseja tanto a vida. Ela também não pode ser trancafiada, também exige novas músicas, palavras, novos modos de ser. Para ser digno dela, alguém deve tentar algo nunca visto antes e deixar que o antigo morra para que o novo possa nascer (LORRAINE, 1998, p. 125). Já a sabedoria fica grávida de Zaratustra nos seus momentos de solitude, então, ele vai ao encontro de seus companheiros para que, assim, alivie a si mesmo das riquezas que nasceram em sua alma. Conforme se lê, “minha selvagem sabedoria ficou prenhe nos montes solitários; em ásperas pedras deu à luz seu filhote mais novo” (NIETZSCHE, 2018, p. 75). Essas imagens de mulheres, a vida e a sabedoria, são bastante distintas das mulheres humanas, demasiado humanas, pois estas, conforme visto antes, estão destinadas à procriação, a serem submissas aos seus maridos e a cuidarem dos seus filhos (MARTON, 2022, p. 127).

No quinto capítulo, “Aqueles mulheres: feministas e dogmáticas”, as figuras femininas são discutidas à luz da crítica nietzschiana do pensamento metafísico, isto é, não há um conceito de mulher, não há “a mulher”. Ao criticar a essencialização da categoria mulher, Nietzsche busca esclarecer a noção de “mulher em si”, tentando compreender a identidade fixada pelos dogmáticos, a respeito da mulher. No âmbito de suas verdades experimentais, o feminino para ele seria metafórico, ou seja, contra a imagem metafísica da mulher, uma figura fixada e bastante estabelecida pelo homem. Há, também, a crítica sustentada por Nietzsche sobre a

mulher que vive a mercê do homem, uma figura abstrata reduzida às suas funções biológicas, onde aquilo que parece glorificado como o primordial da experiência feminina é, na verdade, a primazia da vontade dos homens colocadas sempre à frente das mulheres.

Cumprido ressaltar que Nietzsche não é contra a emancipação da mulher, mas é contra a categoria que a essencializa, isto é, a “mulher emancipada”. Ao se questionar sobre a “mulher em si”, mergulha no ideal do homem, na ideia masculina que criou o conceito de “mulher em si”. Dito de outro modo, há controvérsias no pensamento que dita o direito das mulheres, observa-se que a igualdade não é ditada em termos que consideram as diferenças da categoria feminina, mas sim, a igualdade encontra o seu substrato numa ideia masculina. À vista disso, compreende-se a hesitação de Nietzsche em relação a emancipação feminina, pois ela está impregnada de políticas patriarcais e de um tipo único de moral (ALMEIDA, 2021, p.235).

No sexto e último capítulo da obra de Marton, “Raras mulheres: escritoras e intelectuais”, a pensadora coloca o conceito de *décadence* e o utilitarismo de Stuart Mill em interlocução com o problema da emancipação feminina, sempre à luz de Nietzsche. O conceito de *décadence* aparece então como um resumo da modernidade, isto é, como negação dos valores nobres e evasão das estruturas hierárquicas de proveniência nobre. Os relacionamentos de vassalagem, uns subordinados aos outros, e os vários elementos dispostos nesse conjunto se tornam coesos, formando uma totalidade. Além do mais, os impulsos antagônicos ali dispostos encontram um impulso determinante que irá coordená-los e direcioná-los de modo claro e preciso. Contudo, o que se percebe na modernidade é justamente essa falta de organização hierárquica, o que leva à “falta de coesão interna” e “conduz à anarquia e, por conseguinte, à *décadence*” (MARTON, 2022, p. 170). A modernidade ignora os antagonismos da relação hierárquica e promove a ideia de igualdade, e nesse plano, está a mulher moderna e a sua emancipação, está a *décadence* da mulher. Em suma, a mulher moderna, ao buscar a sua emancipação, ao lutar pela igualdade dos direitos, nada mais faz do que manifestar a “*décadence* característica da modernidade” (MARTON, 2022, p. 173). De outro lado, ao colocar Nietzsche em interlocução com Stuart Mill, Marton evidencia a visão bastante tradicional que o filósofo alemão tem das mulheres, pois Mill, em contrapartida, escreveu a favor da independência

das mulheres e a favor da igualdade dos direitos. Nietzsche critica Mill ao dizer que isso não passa de um nivelamento gregário e que “a primeira e última ocupação” da mulher “é gerar filhos robustos” (NIETZSCHE, 1992, §239, p. 145). Ao criticar a modernidade e, sobretudo, a emancipação feminina, Nietzsche termina por promover a exclusão das mulheres.

O livro **Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos**, ao propor o tratamento das questões do feminino à luz do pensamento de Nietzsche, oferece grande contribuição para o campo dos estudos nietzschianos, enfatizando a dimensão filosófica dos debates em jogo. Além do mais, ao recusar colocar a obra de Nietzsche em franco diálogo com a tradição feminista, evita que as análises sejam eivadas por anacronismos ou interpretações superficiais em defesa de uma aparente misoginia. Diversamente, Marton expõe o motivo pelo qual não podemos simplesmente rotular Nietzsche como misógino. O principal ponto em destaque é a ambivalência de seus escritos, em que há elementos de misoginia e passagens em nada misóginas. O trabalho de Marton prova que uma leitura criteriosa do trabalho filosófico de Nietzsche sobre a questão das mulheres permite perceber questões sociais que enfrentamos no cotidiano e sementes antecipando certas querelas da teoria feminista. De mais a mais, rotular Nietzsche como misógino implica o risco de que teóricas do feminismo se afastem do *corpus* teórico nietzschiano, perdendo a chance de explorar os ângulos mais instigantes de suas ambivalências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Patrícia Sheyla Bagot de. “Nietzsche e o controverso ideal de emancipação feminina”. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**. v. 39, n.º 2, p. 227-238, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v39i2p227-238>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Vol.1: Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

LORRAINE, Tamsin. Nietzsche and Feminism: Transvaluing Women in Thus Spoke Zarathustra. In: OLIVER, Kelly & PEARSALL, Marilyn. **Feminist Interpretations of Friedrich Nietzsche**. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, Demasiado Humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Cristina Oliveira Figueiredo possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (2022), onde foi bolsista no projeto de extensão "Pensamento a um Toque". Possui mestrado em Filosofia pela mesma instituição cujo título é: "O *Malheur* e a Verdade: uma interpretação do sofrimento humano em Simone Weil" (2021). Atualmente, é doutoranda (bolsista CAPES) em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto, pesquisando na área de ética e política em Judith Butler. É integrante do Grupo de Pesquisa "Intersubjetividade e Política".

Artigo recebido em: 22/05/2023.

Aceito em: 13/06/2023.